

# O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

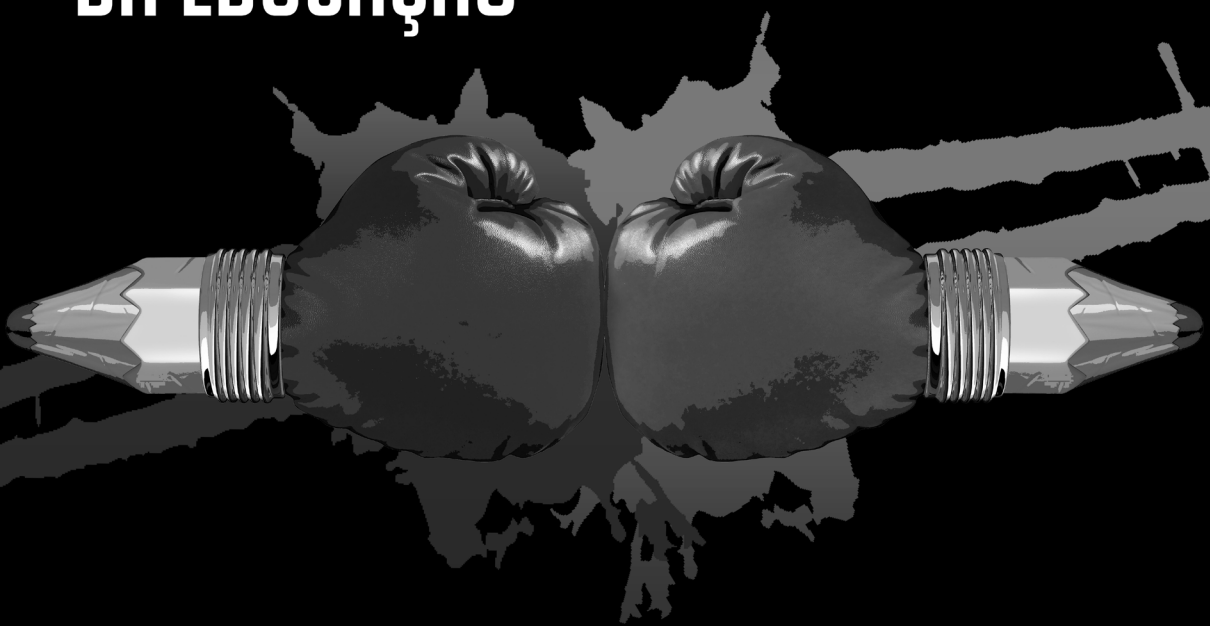


**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)

**NO FOMENTO DA  
QUESTÃO POLÍTICA  
DA ATUALIDADE 2**

# O CAMPO TEÓRICO- METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

**Atena**  
Editora  
Ano 2021



**Américo Junior Nunes da Silva**  
(Organizador)

**NO FOMENTO DA  
QUESTÃO POLÍTICA  
DA ATUALIDADE 2**

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 2

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C198 O campo teórico-metodológico-epistemológico da educação no fomento da questão política da atualidade 2 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-933-2

DOI 10.22533/at.ed.332212503

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Temos vivenciado, ao longo dos últimos anos, inúmeros ataques a Educação brasileira; investidas que têm ocasionado retrocessos. O contexto pandêmico alimentou essa crise que já existia, escancarando o quanto a Educação no Brasil acaba sendo uma reprodutora de desigualdades. As interferências externas e investidas do mercado tentam, a todo custo, subordinar a Educação e atividade docente a uma lógica neoliberal de produção (TARDIF; LESSARD, 2005). Nesse sentido, precisamos nos mobilizar e a **indignação e esperança** configuram-se como duas categorias importantes nesse processo.

Diante desse cenário, como dissemos, de muitos retrocessos, negacionismo e investidas neoliberais, não podemos nos furtar do debate político e social, tão importante nesse momento que vivemos destrato a Educação, sucateamento do trabalho docente e exclusão de estudantes, por exemplo. Como nos alertou Freire (2004, p. 28), para além de ensinar com rigorosidade metódica a sua disciplina, “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Precisamos considerar esses elementos sociais e políticos necessários no movimento de formar cidadãos indignados e esperançosos que desconstruam os discursos fatalistas.

É nessa direção que o volume de “**O Campo Teórico-metodológico-epistemológico da Educação no Fomento da Questão Política da Atualidade**”, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e do (re)pensar o campo educacional, assim como também da prática, da atuação política e do papel social do docente. Este livro reúne um conjunto de textos de autores de diferentes estados e regiões e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, democracia, humanização, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, avaliação entre outros. O fazer educacional, que reverbera nas escritas dos capítulos que compõe essa obra, constitui-se enquanto um ato social e político.

Os autores que constroem esse volume são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e no se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos uma produtiva, indignante e esperançosa leitura!

## **REFERÊNCIAS**

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA A REFLEXÃO DO ATUAL CONTEXTO BRASILEIRO	
André Randazzo Ortega	
Joana D’Arc Germano Hollerbach	
Cecília Carmanini de Mello	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3322125031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
AÇÕES AFIRMATIVAS E POLÍTICA DE COTAS NO INGRESSO AO ENSINO SUPERIOR: DO OLHAR TEÓRICO À OPINIÃO PÚBLICA	
Amanda da Silva Barata	
Bianca Marinho de Souza	
Joaquina Ianca dos Santos Miranda	
Ariana Souza Carneiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3322125032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>20</b>
POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS E AS COTAS SOCIAIS PARA ACESSO ÀS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO	
Francieli Marchesan	
Oséias Santos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3322125033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A SÍNDROME DE BURNOUT COMO EXEMPLO DO ADOECIMENTO DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, NOS ÚLTIMOS ANOS	
Maralice Maschio	
Mariza Weber	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3322125034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
A ANÁLISE ARQUEOLÓGICA DO DISCURSO SOBRE OS SUJEITOS DA EJA NOS GOVERNOS FHC (1995-2003) E LULA (2003-2011)	
Eduardo Jorges Pugliesi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3322125035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>66</b>
ITINERÁRIO FORMATIVO INTERDISCIPLINAR: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA	
Jinlova de Oliveira Pantaleão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3322125036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
DIRETORES ESCOLARES E O DIREITO À EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DE POLÍTICAS	

## EDUCATIVAS NO CONTEXTO DA PRÁTICA

Eveline Andrade Ferreira

Karla Karine Nascimento Fabel Evangelista

Sônia Lerche Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.3322125037**

## **CAPÍTULO 8..... 79**

### RECORTE DE UM PROJETO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE REPRODUTIVA REALIZADO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19, EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Beatriz Caroline Conceição do Nascimento

Dayane Cristina Zanqueta Azevedo

Fabiana Schaffer

Simone Acrani

**DOI 10.22533/at.ed.3322125038**

## **CAPÍTULO 9..... 88**

### O ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Wiliana Ferreira

José Geraldo Basante

**DOI 10.22533/at.ed.3322125039**

## **CAPÍTULO 10..... 94**

### A NECESSIDADE DE AÇÕES EDUCATIVAS COMPROMISSADAS COM SOLIDEZ DA HUMANIZAÇÃO: A FILOSOFIA, ÉTICA, ARTE E POLÍTICA COMO FUNDAÇÕES DO EDUCANDO

Antonio Carlos Barbosa da Silva

Marina Coimbra Casadei Barbosa da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.33221250310**

## **CAPÍTULO 11..... 108**

### MÃOS E IMAGINÁRIOS QUE COSTURAM A HISTÓRIA DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE-PE

Adelmo Teotônio da Silva

Divane Oliveira de Moura Silva

Marcia Pereira Gomes Silva

**DOI 10.22533/at.ed.33221250311**

## **CAPÍTULO 12..... 121**

### ONDE ESTÁ A MEMÓRIA? O AUDIOVISUAL E A CONSTRUÇÃO DOCUMENTAL DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA REGIÃO DE COELHO NETO (MA)

Leide Ana Oliveira Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.33221250312**

## **CAPÍTULO 13..... 129**

### O SOROBAN COMO INSTRUMENTO PARA APRENDIZAGEM E INCLUSÃO

Marco Antônio Serra Viegas

André Machado Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.33221250313

**CAPÍTULO 14..... 135**

O DEFICIENTE VISUAL NA FACULDADE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE DE CLEVELÂNDIA/PR: USOS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS À EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

Kelly dos Santos Siqueira

Maralice Maschio

DOI 10.22533/at.ed.33221250314

**CAPÍTULO 15..... 151**

ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE EDUCACIONAL DE LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO MUNICÍPIO DE IPORÁ – GOIÁS

Juliana do Nascimento Farias

Vanderlei Balbino da Costa

DOI 10.22533/at.ed.33221250315

**CAPÍTULO 16..... 168**

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS: CORPOREIDADE, LÚDICO E LETRAMENTO NA PRÁTICA DOCENTE DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Bárbara Regina Gonçalves Vaz

Silvana Maria Aranda

DOI 10.22533/at.ed.33221250316

**CAPÍTULO 17..... 177**

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS E A SUA APROPRIAÇÃO FRENTE AO ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO E DO PROFESSOR

Luciana Lacerda de Castro

DOI 10.22533/at.ed.33221250317

**CAPÍTULO 18..... 192**

A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS E ADULTAS: ALUNAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA E SUAS EXPERIÊNCIAS

Cláudio Roberto Brocanelli

DOI 10.22533/at.ed.33221250318

**CAPÍTULO 19..... 205**

O OLHAR DO EGRESSO SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - CAMPUS QUIRINÓPOLIS, 2003-2008

Joana Corrêa Goulart

Sebastião de Souza Lemes

DOI 10.22533/at.ed.33221250319

**CAPÍTULO 20..... 217**

IMPLEMENTAÇÃO DE ATUAÇÕES EDUCATIVAS DE ÊXITO (AEE'S) EM CINCO ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DE BENEVIDES-PA

Kelly Lene Lopes Calderaro Euclides

Francilene Sodré da Silva

DOI 10.22533/at.ed.33221250320

**CAPÍTULO 21.....221**

UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR SOBRE A RELAÇÃO ENTRE CURRÍCULO E EDUCAÇÃO INTEGRAL DE ACORDO COM A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR NO BRASIL

Gabriela Carradas

Kênia Kemp

DOI 10.22533/at.ed.33221250321

**CAPÍTULO 22.....233**

JOGOS DE INTERPRETAÇÃO NA INFÂNCIA: CONSTRUINDO VALOREM

Rebeca Sasso Laureano

DOI 10.22533/at.ed.33221250322

**CAPÍTULO 23.....243**

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL EM CURSOS TÉCNICOS: UMA EXPERIÊNCIA NO CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

Ana Cláudia Carelle

Sami Eduardo José Schinasi

DOI 10.22533/at.ed.33221250323

**CAPÍTULO 24.....248**

DISCUSSÃO SOBRE O USO DE JOGOS MODERNOS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Vinicius Tivo Soares

DOI 10.22533/at.ed.33221250324

**CAPÍTULO 25.....256**

MEDIAÇÃO CULTURAL: REFLEXÕES ACERCA DO MUSEU DE ARTE DE BLUMENAU

João Henrique Leoni

Carla Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.33221250325

**SOBRE O ORGANIZADOR.....269**

**ÍNDICE REMISSIVO.....270**



# CAPÍTULO 22

## JOGOS DE INTERPRETAÇÃO NA INFÂNCIA: CONSTRUINDO VALOREM

*Data de aceite: 22/03/2021*

**Rebeca Sasso Laureano**

Universidade Federal de Santa Maria,  
PPGTER, Programa de Pós-Graduação em  
Tecnologias Educacionais em Rede  
Santa Maria – RS  
<http://lattes.cnpq.br/9418588528252654>

**RESUMO:** Esta pesquisa tem por objetivo relatar a experiência da criação do jogo de interpretação de papéis (RPG) chamado “Valorem”, desenvolvido no Laboratório de Iniciação e Criatividade em Artes, também conhecido como Escolinha de Artes, situado na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Para pensar a educação a partir das experiências com jogos de interpretação, utiliza-se o conceito de aprendizagem inventiva (KASTRUP, 2001, 2004), experiência (LARROSA, 2015) e jogos de interpretação (PAVÃO, 1999; CUTLER, 2014; EWALT, 2016), sendo esta uma pesquisa qualitativa e cartográfica. O jogo de interpretação, ou RPG, é um jogo cooperativo que consiste em desenvolver um personagem, fazer escolhas e narrar histórias. Valorem foi desenvolvido colaborativamente por meio da criação de narrativas e personagens com os estudantes, como uma possibilidade de ensino nas Artes Visuais, procurando explorar a potência do jogo para a invenção de imagens e de invenção de si mesmo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem Inventiva, Arte-educação, Jogos de Interpretação, Game Design.

### ROLE-PLAYING GAMES IN CHILDHOOD: BUILDING VALOREM

**ABSTRACT:** This research aims to narrate the experience of development experience of the role-playing game (RPG) called “Valorem”, developed at the Laboratory of Initiation to Creativity and Arts, also known as Escolinha de Artes, located at the Federal University of Santa Maria - UFSM. To think about education from the experiences with role-playing games, we use the concept of inventive learning (KASTRUP, 2001, 2004), experience (LARROSA, 2015), and role-playing games (PAVÃO, 1999; CUTLER, 2014; EWALT, 2016) being this a qualitative and cartographic research. The role-playing game, or RPG, is a cooperative game that consists of developing a character, making choices, and telling stories. Valorem was developed collaboratively through the creation of narratives and characters with students, as a possibility of teaching in the visual arts trying to explore the potency of the game for the invention of images, and also for the invention of oneself.

**KEYWORDS:** Inventive learning, Art-education, Interpretation Games, Game Design.

### INTRODUÇÃO

O jogo acompanha os processos de aprendizagem desde a infância e, de acordo com Huizinga (2001), acontece no tempo que tem que acontecer, podendo ser vivido e revivido, jogado quantas vezes for necessário, seguindo suas próprias regras e promovendo a formação de grupos de indivíduos unidos por um único motivo: jogar o jogo. Os jogos são

usados na educação, principalmente associados ao lúdico, sendo uma das ênfases do currículo escolar do ensino infantil e fundamental previstas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Apesar da presença dos jogos nas políticas públicas, percebe-se dificuldade dos profissionais em abordá-los de forma inventiva, principalmente no que se diz respeito ao ensino das artes, tendo muitos jogos associados ao currículo de forma superficial, tediosa e ineficaz (LIMA, 2008; SASSO, BERNARDI E CORDENONSI, 2020).

Muitas questões podem ser levantadas com o uso de jogos na educação, como, por exemplo, o *game design*, que para Shell (2011) é o conjunto de decisões que definem como o jogo será, como suas regras, sua estética, objetivos, metas, entre outros. O desenvolvimento de jogos geralmente é feito por outras áreas do conhecimento, distantes da sala de aula e que muitas das vezes não possuem contato direto com questões educacionais, ou pelos professores, que não têm conhecimento de *game design* e das áreas de interesse dos estudantes, o que ocasiona na ênfase exacerbada em questões curriculares (SASSO, BERNARDI E CORDENONSI, 2020). Nesse sentido exploramos a possibilidade do desenvolvimento de jogos pelos próprios estudantes.

Os jogos de interpretação, ou RPG (*role-playing game*), são caracterizados pelo desenvolvimento de uma narrativa colaborativa, que ocorre a partir das experiências vividas de um personagem em posse do jogador, que tem um papel ativo como coautor da história a ser trilhada. Existem diversos tipos de jogos de interpretação, como os MMORPG, que ocorrem em uma plataforma eletrônica, os livro-jogo ou aventura-solo, que são livros interativos que propõem ao leitor fazer escolhas, e também os de mesa, que acontecem na imaginação dos jogadores e que podem ter ênfases e modos diferentes de condução. Geralmente, o mediador do RPG de mesa é o chamado mestre, ele é o responsável por conduzir a história e inserir os jogadores através de desafios, propondo situações-problema em que cada jogador/personagem será responsável pela sua ação em conjunto com outros jogadores/personagens, interferindo na narrativa proposta pelo mestre. Nos RPGs podem ser utilizados dados ou marcadores e livros ou folhetos com regras, fichas e descrições dos mundos fantásticos (CUTLER, 2014; EWALT, 2016; PAVÃO, 1999).

Os jogos de interpretação são, em sua maioria, jogos nos quais você cria e desenvolve algo que não poderia criar ou desenvolver em outro mundo se não o criado pelo grupo. É como se nele você pudesse ser e fazer aquilo que sempre imaginou, desde que isso se encaixe na ambientação e nas regras do jogo pré-estabelecidas e adaptadas também com o grupo.

Em nossa área de conhecimento, o uso dos jogos de interpretação pode render frutos inimagináveis. Desde a construção de um personagem, passando pela linha narrativa construída pelo diálogo dos jogadores, tudo envolve língua, leitura e produção textual. (PAVÃO, 2000 apud LORO, 2013, p. 2, grifo do autor).

É neste contexto, em jogar um jogo de interpretação de papéis, que surge a

experiência de desenvolvimento do jogo Valorem, que tem como principal característica a invenção de cenários colaborativos, de narrativas imaginativas e de resolução de conflitos sem uso de violência por meio de diálogos.

## LICA COMO LABORATÓRIO DE APRENDIZAGEM

A experiência de desenvolvimento do jogo Valorem ocorreu nos anos de 2016 e 2017 no espaço do LICA – Laboratório de Iniciação e Criatividade em Artes, também chamado de Escolinha de Artes, situado no Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Criada em 1965, a Escolinha mantém suas atividades vinculadas aos cursos de licenciatura em Artes Visuais, música, dança e teatro. A matrícula é semestral, sendo geralmente feita espontaneamente pela comunidade universitária e da região ou por indicação de psicólogos e outros profissionais da área da saúde. Recebe em média 15 crianças com faixa etária entre 6 e 12 anos e apresenta um espaço dividido em três áreas – a recepção, a área de socialização para lanches e o espaço central, onde encontra-se uma área livre e mesas para as experiências. A Escolinha de Artes possui uma quantidade considerável de materiais para uso, como lápis de cor, tintas, papéis, entre outros (BENETTI, 2007).

A proposta de desenvolvimento de um jogo se deu como atividade alternativa às crianças que não se encaixavam nas atividades propostas pelos estagiários por diversos motivos, como desmotivação, timidez, agitação entre outros. As atividades no LICA faziam parte do currículo das disciplinas de Prática Educacional V e Prática Educacional VI do curso de Artes Visuais e, posteriormente, optei por aplicar o projeto de desenvolvimento do jogo na disciplina de Estágio Obrigatório IV.

Durante as práticas nesse espaço, foram desenvolvidas ações pensando em jogos de interpretação como uma abordagem inventiva, sendo a maior parte delas focada no desenvolvimento de narrativas visuais e de *concept art* para o jogo Valorem, como personagens, cenários, criaturas, objetos, entre outros. A prática ocorreu em duas turmas diferentes como uma atividade não obrigatória, com grupos, em média, de 6 participantes que alternavam de acordo com os interesses do grupo. A experiência dos jogos de interpretação também foi descrita em meu trabalho final de graduação, defendido em 2018.

## A EXPERIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE VALOREM

Pensar e usar jogos surge do encontro de meu interesse no lúdico nas Artes Visuais e do interesse dos estudantes em jogos eletrônicos, já a possibilidade em operar com jogos analógicos surge da própria estrutura do local, que não oferecia laboratório com computadores para desenvolver jogos eletrônicos.



Imagem 01: Grupo estudando mapas do mundo.

Fonte: Acervo Pessoal, 2017

Os jogos de interpretação oferecem um espaço fértil para o ensino das Artes Visuais. Anteriormente eu já havia feito uma experiência no LICA com interpretação, chamada “detetives entre nós”. Nessa ocasião foi contada uma história em que os estudantes interpretavam papéis de detetives de arte e resolviam um grande mistério. No entanto, os jogos tradicionais de interpretação de papéis possuem livros e folhetos com as aventuras, regras e informações do mundo, o que exige um alto grau de interpretação de texto e de conhecimento de língua estrangeira. Os livros de RPG tradicionais disponíveis também exigiam muito tempo de sessão de jogo, o que não era possível, pois, apesar de ser um espaço não formal, ainda possuía um curto espaço de tempo. Nessas condições, os estudantes foram convidados a participar do desenvolvimento de um jogo de interpretação, adaptado as condições do grupo que continham estudantes não alfabetizados e em faixas etárias diferentes. Tendo as próprias crianças do LICA como o público alvo, eles atuavam como colaboradores e jogadores, seriam mestres e auxiliariam na construção do mundo, das mecânicas do jogo e dos testes de jogabilidade.

As escolhas feitas do que e de como seria pesquisado para o desenvolvimento do jogo não foram formuladas antes e sim *durante* a prática. Certamente algumas suposições foram feitas, tomando cuidado para não prever acontecimentos – afinal, experiências não podem ser previstas (LARROSA, 2011), pois não há como pré-ver nem pré-dizer aquilo que poderá ocorrer durante um jogo de interpretação –, mas como uma maneira de antever supostas pedras encontradas no caminho e contorná-las da melhor forma possível.

Pensar um projeto de estágio e, principalmente, uma estratégia que não apenas rompa com o sistema tradicional de ensino como também perca o controle do que se é ensinado, certamente causa desconforto. A educação inventiva procura a construção a partir dos afetos de seus habitantes, pensando uma educação não linear, pautada na diferença e no acontecimento (KASTRUP, 2001). É propor um ensino-aprendizagem pautado na compreensão dos processos de aprendizagem de cada criança, sabendo que

cada uma aprende em seu tempo e desenvolve suas próprias maneiras de fazer, dentro de sua própria subjetividade, dentro de seus próprios interesses (CAVALHEIRO, 2017):

Convidar adultos para se relacionarem com a primeira infância sob essa perspectiva faz com que o aprendizado de meninos e meninas seja, em grande parte, do trabalho das próprias crianças, de suas atividades e no emprego de seus próprios recursos, e isso passa a dar visibilidade ao lugar ativo da criança na construção e aquisição de saberes e de entendimento (CAVALHEIRO, 2017, p. 36).

Através de encontros semanais, os estudantes jogavam o jogo mediados pelo mestre, com a possibilidade de interromperem o andamento da história para proporem modificações nas mecânicas e nas regras e/ou adotarem o papel de mestre, se assim fosse necessário. Por meio de seus desenhos e de suas narrativas, o grupo contou a história do reino de Antares (mundo do jogo) e desenvolveu personagens que posteriormente foram adicionados na versão final em formato digital, para que outros grupos de crianças pudessem jogar. As experiências das crianças com seus escritos e com as imagens criadas, proporcionavam um desacelerar que as permitiam permanecer no jogo. Expunham seus afetos por meio da arte com uma continuidade, onde a experiência não encerrava ao término do encontro. Estes, são aspectos que para Kastrup (2004, p.13) configuram uma aprendizagem pautada na invenção “através da aliança da surpresa com a regularidade”.

A prática aconteceu através de uma cartografia de encontros, aproximações e afastamentos de questões curriculares, que ocorriam de forma não linear, não delimitada, sendo organizadas pelos próprios estudantes. De acordo com Kastrup (2001), a aprendizagem inventiva não é pautada na transmissão de informação nem na interação do professor-aluno, mas na habitação de uma zona de neblina, onde se perdem as fronteiras de professor-aprendiz e dos conteúdos explorados. Jogando o jogo e desenvolvendo a história, surgiu uma cidade chamada “Compramento”, onde todos os moradores adotavam cores primárias em suas construções. Que cores são essas? Como essas cores surgem? Que técnicas usaremos para desenhar essa cidade? Qual o mapa da cidade? Como são as casas? Os disparadores faziam surgir curiosidades relacionadas a questões curriculares, mas ocorriam assim, dos pontos de contato da história com seus próprios interesses.

Após um diálogo sobre a insegurança em já elaborar a arte final para o livro do jogo sem tanto tempo para o desenvolvimento das obras, um dos estudantes ansiou “uma pessoa que fizesse tudo no computador”. Em outro encontro, lembrei do conceito de *concept art*, termo usado no design e no audiovisual para definir o desenvolvimento de imagens que antecedem o produto final (SASSO, 2018). Apresentei no outro encontro alguns artistas especializados em *concept art* e os estudantes decidiram desenvolver desenhos para que um designer reinterpretasse seus desenhos e os transformasse em ilustração digital.



Imagem 02: Raça Animália – Paralelo da criação do estudante em giz de cera oleoso e lápis de cor e da ilustração digital do designer Thomas Sasso.

Fonte: Acervo Pessoal, 2017

Durante a experiência, compartilhamos conhecimentos e ideias, pensamos mecânicas e desenvolvemos estratégias para driblar as dificuldades encontradas no caminho. Como tratar as questões relacionadas ao excesso de violência e de competitividade em um mundo onde tudo é possível, como é a imaginação? Como trabalhar com diferentes faixas etárias, de diferentes fases de escrita e leitura? O que fazer com os complexos cálculos referentes à criação de personagens? As problematizações que surgiam eram pensadas e eventualmente solucionadas observando de diferentes pontos de vista, permeando a teoria e o pensar e fazer arte:

A política da invenção consiste numa relação com o saber que não é de acumular e consumir soluções, mas de experimentar e compartilhar problematizações, e adoção da arte como ponte de vista faz parte desta política (KASTRUP, 2001, p. 26)

Surgiam possibilidades, como a de os jogadores começarem o jogo como um grupo de pacificadores, que buscavam levar a justiça, o diálogo e a diplomacia para o reino; a ficha de personagem poderia ter cálculos mais simples e os itens e poderes adquiridos no decorrer do jogo poderiam ser desenhados ao invés de escritos. Dos diálogos, apareciam curiosidades sobre materiais artísticos e sobre áreas de conhecimento parceiras. Surgiu a necessidade de repensar a produção artística dentro do próprio jogo. Os estudantes, através de seus desenhos, pensaram sobre a geografia e as características de personagens do mundo, para que um designer pudesse redesenhá-los, inspirado por suas produções.

A principal dificuldade que tivemos durante a prática foi quanto à mediação dos conflitos que surgiam entre os jogadores. Durante as experiências houve a necessidade de inúmeras interrupções para buscar novas configurações “possíveis”, evitando o desmanche

do grupo, pensando em maneiras de não adentrar os extremos do autoritarismo ou de uma permissividade exacerbada que geraria o abandono dos interessados.

Não atrapalhar o jogo. Não brigar. Tentar compreender o jogo e se não gostar, falar em voz alta para que todos possam ajudar. Não ficar emburrado caso algo dê errado. (Diário de bordo, Setembro de 2016)

Desacordos são comuns e podem ser resolvidos por meio do diálogo e da revisão das regras e das premissas operacionais que previamente foram definidas e estabelecidas pelo grupo, no entanto outros debates que surgem podem ser frutos de diferentes visões de mundo, de premissas fundamentais que divergem (MATURANA, 2002). Em alguns casos, os debates e desacordos que surgiam entre as crianças tinham como origem a dificuldade em compreender o funcionamento das decisões democráticas, em respeitar as normas pré-estabelecidas com o grupo já escolhidas anteriormente, como, por exemplo, esperar o momento de falar para não atrapalhar o colega. As regras devem ser criadas e compreendidas pelos próprios estudantes, em seus agenciamentos, como nos trata Kastrup (2001):

O controle busca impor regras de ação a partir do exterior: controle do tempo, sistema de recompensas e punições, protocolos de avaliação e outras estratégias. O controle faz do aprendiz um sistema heterônomo, controlado por regras extrínsecas, que não foram geradas pelo agenciamento com a matéria. Já a disciplina gera autonomia, ou seja, regras emergentes dos próprios agenciamentos (KASTRUP, 2001, pg. 1).

Sendo assim, uma suposta “solução” ao problema imposta de forma autoritária pelo professor, como um pedido de silêncio ou até mesmo uma expulsão, apenas criaria uma situação tensa de controle-poder, sendo então a experiência enrijecida pelo medo e pelo silêncio dos corpos. Eram incentivadas conversas, revisões e diálogos sobre seus posicionamentos, ouvindo e coexistindo em amor e respeito com o outro. Arruda (2012) trabalha com o conceito de educador como mediador de emoções, como aquele que se importa com as subjetividades, afetividades, emoções, intenções, crenças, tramas dialógicas e domínios simbólicos envolvidos no processo:

Na educação, a mediação surge como possibilidade de levar adiante novas posturas voltadas à tolerância e ao respeito a diferentes visões de mundo dos envolvidos no processo de aprendizagem. O professor, como mediador de conflitos e emoções, incorpora uma prática na qual o diálogo, a escuta, o respeito às diferenças e às emoções indicam a possibilidade de inverter a lógica de uma prática “de transmissão de conhecimento e prescritiva” para outra construída na perspectiva da relação (ARRUDA, 2012, p. 8).

Crianças são sujeitos com construções únicas e diferentes, que mesmo em busca de um objetivo em comum, como em um jogo de interpretação colaborativo, possuem ideias, opiniões e interações que podem ser recorrentes no amor, legitimando o outro na

convivência ou na agressão, interferindo e rompendo as relações (MATURANA, 2002). Compreender que a criança pode sentir emoções tão fortes ao ponto de levantar-se, derrubar os itens da mesa ao ver seu personagem machucar-se ou ter um momento de frustração ao baixo número dos dados, exige atenção, paciência e escuta não apenas do professor-mediador, mas também dos colegas. Certamente pensar a emoção é um diálogo que nos escapa durante a formação docente:

É preciso permitir que nossos alunos expressem suas emoções. A raiva, a frustração, a mágoa, a alegria contém incertezas perturbadoras que refletem oportunidades importantes de problematização e reconhecimento. Aceitar a ideia de que o que distingue o homem dos animais é a razão (racionalidade) é manter uma visão estreita e limitada baseada numa cultura que desvaloriza as emoções. [...] Assim, não há ação sem emoção: esta guia nossos atos (ARRUDA, 2012, p. 9).

A decisão que tomamos em diminuir ao ponto de sua quase extinção a violência no jogo, ao contrário do que possa parecer em um primeiro momento, não foi a tentativa de anular a existência dela no mundo ou em nós mesmos. Em uma das situações de jogo, um estudante sugere a criação da raça animália, animais com consciência, que podem falar e auxiliar na paz do reino de Antares, sendo assim, animais devem ser protegidos pois são iguais às outras raças. Em uma das missões, os jogadores precisavam retirar os peixes da água de uma região devastada; um sugeriu uma vara de pesca com anzol e enquanto já desenhava a vara, outro jogador interferiu na decisão, dizendo: “Isso vai machucar, não vai? Vamos usar uma rede fofinha”. Em outro momento um jogador ao explicar sua ação recebe os olhares de outros jogadores “[...] calma, se você fizer isso, pode prejudicar a vila inteira, quem sabe a gente pensa outra coisa” conversaram, decidiram outro caminho.

Colocar os personagens como mediadores de conflitos fazia com que durante o jogo eles mediassem seus próprios conflitos, se questionando sobre suas escolhas já tão naturalizadas pela sociedade, como a violência e a competição. Como agir sem que fosse através da violência? E se acolhêssemos ao invés de expulsar? Que outras imagens de mundo e de sociedade são possíveis inventar? Como falar sem agredir? Como escutar o outro? Como respeitar e valorizar a subjetividade?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um jogo de interpretação em uma proposta tal qual ocorreu em Valorem jamais poderá ocorrer novamente. Mesmo após a escrita de um modelo de desenvolvimento de jogos em minhas atuais pesquisas, tenho plena convicção de que tal caminho não poderá ser trilhado novamente, pois cada experiência é única e ocorre no momento em que deve ocorrer. No entanto, outros caminhos são possíveis, outros jogos podem ser desenvolvidos por quem tenha a audácia de se aventurar pelas abruptas mudanças dos ventos, pensando a relação a si mesmo e ao outro, sem as amarras curriculares, com o espaço para a



liberdade, para o amor e para a imaginação. Caminhar entre os escritos da experiência e da aprendizagem inventiva é também nos questionarmos sobre que tipo de professor desejamos ser, que tipo de aprendizagem queremos propor, quais mundos somos capazes de criar. Silvio Gallo (2000, p.17) cita que parte do paradigma do processo educativo é o desafio de “não ser devorado pela Esfinge, é passar a fazer parte do sistema educacional vigente, tornar-se mais uma engrenagem dessa máquina social, reproduzindo-a a todo instante em nossos fazeres cotidianos”. Ser professor sendo uma fagulha de resistência em um mundo já tão devastado.

Construir jogos na educação, não de uma maneira a procurar resultados fixos, produtos, metas e recompensas cercadas de propostas curriculares fechadas, materiais e técnicas previsíveis é um imenso campo a ser explorado por cada um dos que de alguma forma se sentem atraído por desvios. A elaboração de jogos de interpretação em espaços formais e não formais de educação quando realizada de uma maneira a respeitar as subjetividades dos estudantes, sendo esta acompanhada de uma escuta sensível, são capazes de potencializar não apenas o estudo das artes, mas o interesse dos estudantes em compreender processos, desenvolvendo disciplina para a autonomia e tantas outras ramificações de conhecimento quanto forem desencadeadas as ações, em quantos mergulhos forem possíveis. O professor não como detentor de todo conhecimento, como uma enciclopédia de mistérios, e sim como um mediador das investigações e das relações, dos afetos do grupo. Em minha prática surgiram criações de personagens, *concept art*, ilustrações, desenhos, mas tantas outras poderiam surgir. Tudo depende das tramas tecidas a muitas mãos e dos caminhos a serem percorridos por todos.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, M. P. O paradigma emergente da educação: o professor como mediador de emoções. **ETD- Educação Temática Digital**, v. 14, nº 2, p. 290-303, 2012.

BENETTI, Téoura. **História da Escolinha de Artes do Centro de Artes e Letras da Universidade Federal de Santa Maria/Rs**. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Educação é a Base**. Brasília, MEC/ CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: < [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_-versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf) >. Acesso em: 01 out 2018.

CAVALHEIRO, J. S. J. **Cartografias para uma educação inventiva**. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. p. 121. 2017.

CUTLER, B. **Reinos de Ferro RPG: Livro Básico**. Porto Alegre: Jambô. 2014.

EWALT, D. M. **Dados & Homens: A história de Dungeons & Dragons e de seus jogadores**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GALLO, S. Transversalidade e educação: Pensando uma educação não-disciplinar. IN: ALVES, N. GARCIA, R. L. (org). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp. 17-42.

HUIZINGA, J.; **Homo Ludens: O jogo como elemento de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

KASTRUP, V. **Aprendizagem, arte e invenção**. In: LINS, Daniel (Org.). Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001. p. 207-223.

KASTRUP, V.. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia e Sociedade** (Impresso), Porto Alegre, v. 16, n.3, p. 7-16, 2004.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. Coleção: Experiência e Sentido.

LIMA, J. **O jogo como recurso pedagógico no contexto educacional**. São Paulo: Cultura Acadêmica: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação, 2008.

MATURANA, H. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad. José F. C. Fortes. 3ª edição. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

PAVÃO, A. **A aventura da leitura e da escrita entre mestres de role-playing games**. São Paulo: Devir, 1999.

SASSO, R. S.; BERNARDI, G.; CORDENONSI, A. Z. Mapeando o uso de Jogos para o Ensino de Arte-Educação: uma Revisão Sistemática de Literatura e Pesquisa Netnográfica. **Renote. Revista Novas Tecnologias Na Educação**, v. 18, p. <https://www.see>, 2020.

SHELL, J. **A arte de Game Design: O livro original**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ações afirmativas 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Adoecimento 37, 38, 40, 45, 47, 50, 51

Adolescentes 79, 81, 82, 86, 88, 185, 186, 217, 258, 268

Análise arqueológica do discurso (AAD) 53, 59, 61, 62

Aprendizagem dialógica 217, 218

Aprendizagem inventiva 233, 237, 241

Argumentos contrários e favoráveis 20, 21

Arte-educação 233, 242, 268

Audiovisual 87, 121, 122, 123, 124, 125, 237

Autoestima 39, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 170, 172, 215

Avaliação 10, 25, 44, 73, 81, 196, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 239, 243, 244, 245, 246, 247, 265

### B

BNCC 221, 222, 223, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 241

### C

Comunidades de aprendizagem 217, 219, 220

Consciência de si 192, 202

Contraposição de interesses 20, 21, 24, 33

Corporeidade 168, 172, 174

Costura 108, 109, 110, 113, 114, 116, 117, 118

Cotas sociais 16, 20, 21, 22, 33, 34

### D

Deficiente visual 135, 137, 138, 149

Direito à educação 16, 61, 74, 77, 78, 165, 201

Dirigentes escolares 74, 77

### E

Educação 13, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 107, 109, 118, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134,

135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 178, 179, 184, 185, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 266, 267, 268, 269

Educação de jovens e adultos (EJA) 53, 60, 198

Educação de surdos 151, 164

Educação especial 129, 130, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149

Educação integral 221, 226, 227, 228, 229, 230, 232

Educação para sexualidade 79

Educação superior 9, 10, 12, 15, 18, 28, 30, 36, 85, 142, 151, 152, 153, 160, 164, 165, 209, 246

Egresso 205, 206, 207, 210, 212, 213, 214

EJA 53, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201

Empreendedorismo feminino 108

Ensino-aprendizagem 70, 85, 88, 91, 121, 122, 123, 124, 128, 139, 142, 151, 177, 182, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 214, 236

Ensino médio 1, 2, 23, 28, 29, 62, 63, 75, 82, 88, 89, 90, 91, 92, 122, 124, 143, 217, 264

Ensino remoto emergencial 88, 89, 90

Ensino superior 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 27, 28, 30, 35, 86, 135, 137, 140, 142, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 164, 196, 207, 269

## **F**

Feira popular 108, 110

Ferramentas digitais 88, 89, 91, 93

FHC 53, 61, 62, 63, 64

Formação do professor 66, 69, 188

Formação inicial 68, 70, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 206, 211, 212, 215

Freire 2, 8, 63, 65, 131, 133, 134, 153, 192, 193, 194, 195, 198, 200, 201, 202, 203, 204

## **G**

Game design 233, 234, 242

Gamificação 129

## **H**

História e cinema 121, 124, 128

## I

Ideologia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 96

Inclusão 20, 129, 135, 137, 141, 142, 145, 161

Inclusão educacional 20, 22, 163

InclusãoInclusão 3, 14, 15, 16, 20, 22, 23, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 130, 132, 133, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 159, 161, 162, 163, 164, 178, 191, 198, 199, 200

Interpretação simultânea português/libras/português 151

Intérprete educacional 151, 152, 153, 157, 160, 164, 167

## J

Jogos de interpretação 233, 234, 235, 236, 241

## L

Letramento 166, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 269

Lúdico 168, 169, 172, 173, 174, 234, 235

Lula 53, 61, 62, 63, 64

## M

Mediação cultural 256, 257, 258, 260, 263, 264, 265, 266, 267, 268

Memória 110, 115, 116, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 185, 199

Múltiplas linguagens 168, 169, 172

Museu 36, 117, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 265, 266, 267, 268

## N

Necessidades formativas 66

## P

Política de cotas 9, 10, 13, 15, 16, 20, 27, 28, 33

Políticas educativas 74, 75, 76, 77, 78

Práticas interdisciplinares 66, 68, 69, 71

Professor 1, 3, 20, 38, 39, 40, 45, 46, 47, 49, 51, 54, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 84, 85, 86, 92, 93, 96, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 141, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 168, 174, 175, 177, 179, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 194, 195, 196, 197, 200, 221, 237, 239, 240, 241, 244, 248, 249, 251, 252, 254, 269

Profissional da educação 37, 38, 43, 44, 46, 49, 207

## Q

Quilombolas 12, 16, 121, 122, 124, 125, 127, 128

## **R**

Reflexão 1, 2, 5, 18, 38, 66, 73, 76, 84, 85, 103, 104, 105, 106, 123, 128, 131, 134, 145, 173, 186, 192, 193, 194, 202, 207, 231, 256, 266

Relações de gênero 108, 110, 118

## **S**

Sala de aula 2, 3, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 68, 69, 71, 75, 122, 123, 124, 128, 130, 132, 133, 138, 141, 145, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 177, 178, 184, 187, 189, 191, 193, 195, 196, 197, 200, 234, 248, 250, 252, 254

Sexo 23, 26, 79, 80, 82, 83, 84, 210

Sexualidade 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Síndrome de burnout 37, 41, 42, 44, 50, 51, 52

Soroban 129, 130, 131, 132, 133, 134, 143, 144

## **T**

Tecnologia 90, 92, 110, 148, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186

Teoria do imaginário 108, 118

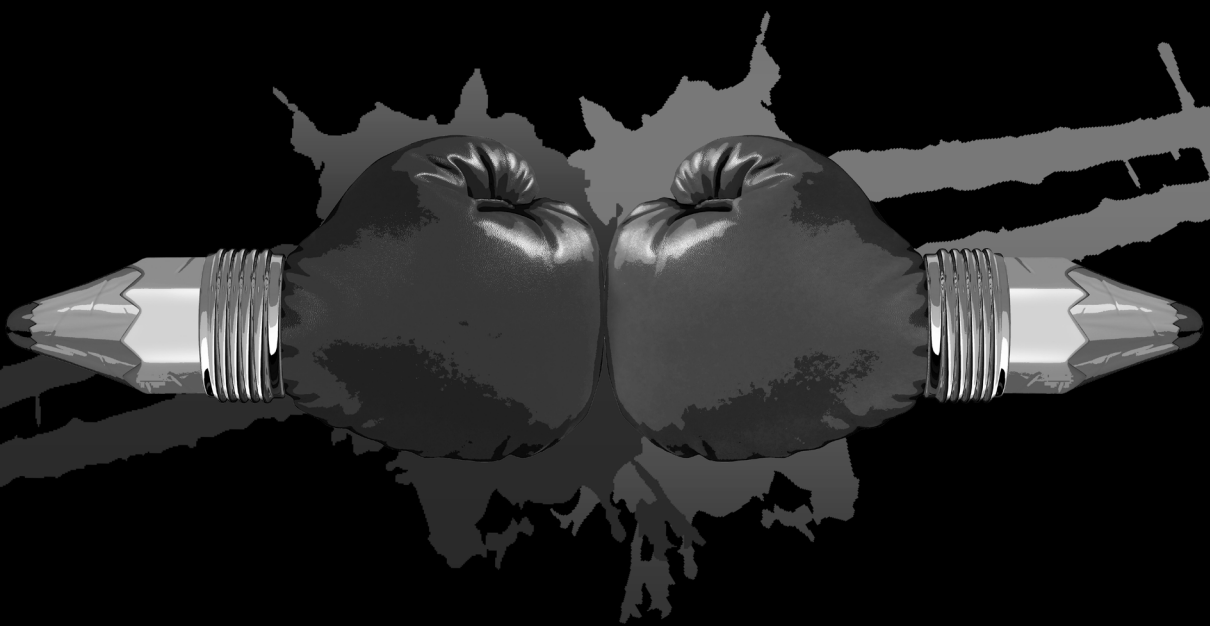
Transdisciplinaridade 221, 222, 223, 224, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Tratamento psicológico 37

## **U**

Universidade 1, 9, 10, 13, 17, 18, 20, 22, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 51, 53, 66, 74, 79, 85, 86, 87, 108, 119, 120, 121, 129, 135, 151, 156, 158, 168, 177, 192, 193, 195, 196, 197, 205, 206, 207, 208, 214, 215, 216, 232, 233, 235, 241, 242, 243, 247, 248, 253, 255, 256, 258, 266, 267, 269

# O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 2

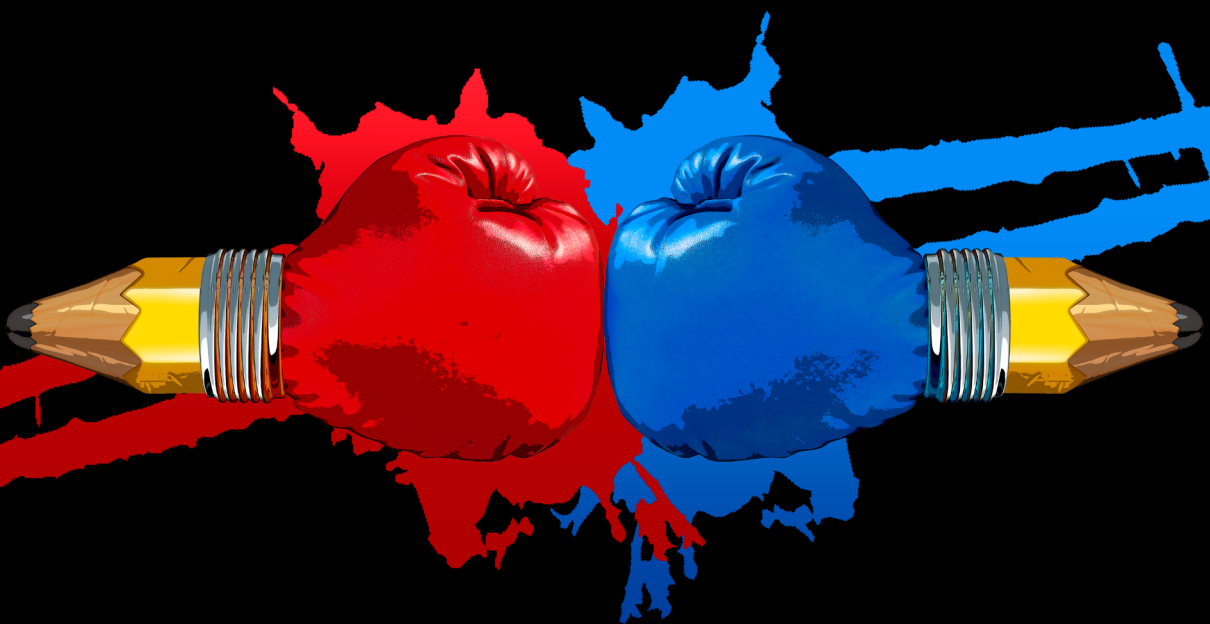


- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora

Ano 2021

# O CAMPO TEÓRICO-METODOLÓGICO- EPISTEMOLÓGICO DA EDUCAÇÃO NO FOMENTO DA QUESTÃO POLÍTICA DA ATUALIDADE 2



- 🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
- ✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021